

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*



## RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CRIAÇÃO DO LABORATÓRIO FILOSÓFICO NA ESCOLA SESC:

O caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares

André Vinícius Dias Senra<sup>1</sup>  
IFRJ campus Volta Redonda, MNPEF (IFRJ-UFF)

Daniel Vieira Inácio<sup>2</sup>  
Polo Educacional Sesc/Escola Sesc de Ensino Médio

Mateus Geraldo Xavier<sup>3</sup>  
Polo Educacional Sesc/Escola Sesc de Ensino Médio

**RESUMO:** o artigo compartilha, em primeiro lugar, a trajetória exitosa do que é hoje denominado Laboratório Filosófico da Escola SESC de Ensino Médio, RJ, em suas várias etapas até se configurar institucionalmente como espaço pedagógico e cultural de produção filosófica e preparação às olimpíadas filosóficas do estado do Rio de Janeiro. Em segundo lugar, relata a prática de aprendizagem desenvolvida no Laboratório, com suas dificuldades e superações, e apresenta a didática utilizada em seus encontros regulares pré e pós-olimpíadas. Em terceiro lugar, mostra o impacto positivo que as várias edições olímpicas tiveram na reestruturação do desenho curricular, na metodológica das aulas regulares e no protagonismo dos estudantes na reflexão filosófica.

**Palavras-chaves:** Laboratório Filosófico, Olimpíada de Filosofia, Metodologia, Filosofia, didática e currículo.

<sup>1</sup>André Vinícius Dias Senra é Mestre em Filosofia (PUC-Rio) e Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (UFRJ). Atua como professor de Filosofia e Filosofia da Ciência nos cursos de Automação Industrial, e graduações de Física e de Matemática do IFRJ Campus Volta Redonda. Coordenador da Pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Naturais e Matemática (IFRJ). Professor associado do Programa de Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física (IFRJ – UFF). E-mail: andre.senra@ifrj.edu.br

<sup>2</sup>Daniel Vieira Inácio é professor de Filosofia no Polo Educacional Sesc/Escola Sesc de Ensino Médio e Mestre em Filosofia e Ensino (CEFET-RJ). Responsável pelo Laboratório Filosófico e pela Oficina de Xadrez. E-mail: danvincio@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Mateus Geraldo Xavier é professor de Filosofia do Polo Educacional Sesc/Escola Sesc de Ensino Médio. Mestre e doutor em Teologia (PUC-Rio) na área Razão e Religião. Coordenador do Programa de Tutoria Educacional à Distância, projeto de reforço escolar gratuito para o Ensino Médio. E-mail: mateusxavier506@gmail.com

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

**ABSTRACT:** Firstly, this article shares the successful trajectory of what is now known as the Philosophical Laboratory of the SESC High School in Rio de Janeiro, in its various stages until it became institutionally configured as a pedagogical and cultural space for philosophical production and preparation for the Rio de Janeiro State Philosophical Olympics. Secondly, it reports on the learning practice developed in the Laboratory, with its difficulties and overcoming, and presents the didactics used in its regular pre- and post-Olympics meetings. Thirdly, it shows the positive impact that the various Olympic editions had on the restructuring of the curriculum design, the methodology of regular classes and the role of students in philosophical reflection.

**Keywords:** Philosophical Laboratory, Philosophy Olympiad, Methodology, Philosophy, didactics and curriculum.

---

## **Introdução**

As olimpíadas filosóficas cumprem importante papel pedagógico relacionado aos referenciais filosóficos no que concerne à transmissão e trocas de ideias para elaboração de uma atitude de pensamento filosófica. Isto porque, ao contrário da tematização do conhecimento acadêmico, as olimpíadas instauram condições para um espaço de desenvolvimento do pensamento livre a partir da vivência do estudante. Do ponto de vista do ensino, cumpre assinalar que este espaço simbólico, relacionado à tematização e aprendizagem dos conteúdos filosóficos, se justifica pelo protagonismo dos estudantes através da participação na produção do conhecimento filosófico.

No referido texto se assume uma posição de que a importância do projeto denominado Laboratório Filosófico, no âmbito da Escola SESC de Ensino Médio, foi fundamental para uma preparação do corpo discente desta instituição para as olimpíadas filosóficas.

## **História do Laboratório Filosófico como projeto cultural e espaço formal de aprendizagem**

A ideia do projeto Laboratório Filosófico surgiu, na Escola SESC de Ensino Médio, no ano de 2012. Inicialmente, a motivação se concentrava em criar mais um espaço, além das aulas regulares, para discutir temas de Filosofia com os estudantes de ensino médio. Isto porque tal espaço deveria ser compatível com o requerimento

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

pertinente ao cumprimento da carga horária institucional. Nesse sentido, o assim denominado ‘Laboratório Filosófico’ surgiu com um tipo de oficina que tinha por finalidade criar um espaço formal de aprendizagem dos conteúdos filosóficos necessários para a preparação dos estudantes residentes da instituição, e que não necessariamente tal espaço reproduzia os conteúdos regulares apresentados nas aulas de Filosofia.

Naquela ocasião, a disciplina de Filosofia era obrigatória nas 3 séries do ensino médio, e contava com 1 tempo de aula de 45 minutos cada. Esta situação não era favorável à prática docente em Filosofia. Isto porque tal situação era reconhecida como uma necessidade pela equipe, dos professores da disciplina, por mais tempo para a disciplina de Filosofia na grade curricular do ensino médio da instituição. Assim sendo, o Laboratório Filosófico aparece, originariamente, como uma oficina didática chamada Retórica e Argumentação. A prática filosófica desenvolvida nesta oficina consistia em analisar formas de discurso dos argumentos filosóficos a partir de um dado tema ou problema a ser escolhido pelos estudantes. Este formato se consolidou como atividade institucional da Escola SESC. Em um primeiro momento, os temas não eram escolhidos previamente. A dinâmica da disciplina se baseava no interesse dos estudantes, de modo que o foco da oficina buscava adequar as indagações discentes com a identificação, nas linhas do pensamento filosófico tradicional, de uma forma de corroboração ou de crítica do argumento a ser analisado.

Como o objetivo dessa oficina visava aumentar as possibilidades de aprendizado dos estudantes, para além do conteúdo ensinado nas aulas regulares, o foco se dirigia para a análise do discurso filosófico a partir da tematização conceitual como forma de apropriação dos problemas e seus encaminhamentos no campo das ideias. Dada a sua natureza argumentativa-discursiva, o saber filosófico exigia maior familiaridade em termos de linguagem conceitual, explicitação das metodologias em função dos projetos filosóficos tematizados, o que permitiu um resultado dirigido para a orientação no sentido do desenvolvimento da atitude de pensamento crítico por parte dos estudantes. Para tanto, na oficina, utilizou-se a lógica como ferramenta de análise. Dado o caráter de oficina, a opção de nomear esta atividade como ‘Laboratório Filosófico’ partiu da prática de examinar argumentos, tal como é de se esperar de um procedimento experimental, em função da tentativa de desenvolver um trabalho prático com os alunos. Muitos alunos consideravam a Filosofia uma disciplina de difícil apreensão dada o

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

caráter abstrato da discussão conceitual dos referenciais filosóficos. A estratégia pedagógica de investir numa oficina que trabalhasse a análise do discurso, dirigido para um enfoque concreto, se tornou exitosa na medida em que esta oficina foi promovida a projeto cultural na Escola SESC. A oficina se transformou em Laboratório Filosófico oficialmente quando foi alçada à condição de projeto assimilado e implementado pela Gerência de Cultura do SESC. Desse modo, o projeto do Laboratório Filosófico teve início a partir de uma parceria entre a equipe de professores de Filosofia subordinada à Gerência Pedagógica, e a Gerência de Cultura da instituição. Nesse meio tempo, a equipe de Filosofia tomou conhecimento da existência das olimpíadas filosóficas. A Olimpíada Latinoamericana de Filosofia (OLF) estava já na sua 3ª edição no referido ano de 2012. Esta edição aconteceu na Universidade Católica de Petrópolis e tinha como pergunta geradora: Qual o Custo Social do Progresso? Ao final da 3ª edição, saíram duas deliberações desse encontro: a escolha do tema do ano da 4ª edição da latinoamericana (Que Conhecimentos são necessários numa era de incertezas?), bem como, a escolha da Escola SESC como sede para realização da 1ª Olimpíada Estadual de Filosofia do Rio de Janeiro em 2013.

Assim, desde então, no âmbito da Escola SESC, o Laboratório Filosófico comportou um duplo interesse: 1) atender ao projeto solicitado pela Gerência de Cultura; 2) bem como oferecer preparação para a 1ª Olimpíada Estadual do Rio, e para a 4ª olimpíada latinoamericana. Ao contrário do que seria possível supor, tais olimpíadas não eram baseadas em formas competitivas entre estudantes de ensino médio, mas o conceito norteador do evento era a solidariedade entre os povos da América Latina. Desse modo, a olimpíada queria romper necessariamente com um tipo de valoração que coloca a Humanidade em posição secundária. A cada edição, a olimpíada filosófica propunha uma pergunta geradora na qual todos os trabalhos a serem apresentados deveriam buscar formas de resposta coletiva, que podia ser vídeo, áudio, texto escrito, dança, encenação, etc., de tal modo que houvesse interação entre educadores, estudantes e instituições, aproximados pelo gosto de conversar filosoficamente e de contribuir para o diálogo livre de pressupostos. Portanto, a olimpíada filosófica se configurava como um espaço de trocas de ideias e partilha de experiências em clara oposição ao modo segmentado e individualista dos meios acadêmicos. De fato, a olimpíada suscitava outra atitude dos seus participantes, ou seja, de que o gosto pelo filosofar pudesse vir acompanhado do respeito à diversidade e a inclusão.

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

Desse modo, o trabalho desenvolvido no Laboratório Filosófico passou a atender como projeto cultural da instituição SESC, bem como se configurou como espaço formal de preparação para as olimpíadas filosóficas.

A partir do momento em que a perspectiva das olimpíadas filosóficas foi integrada ao trabalho desenvolvido no encontro semanal da oficina de Retórica e Argumentação, o Laboratório foi ganhando legitimidade institucional por causa do duplo interesse mencionado. O projeto cultural foi estruturado para cumprir um roteiro de palestras com acadêmicos e que tais palestras continuavam ressonando nos espaços filosóficos formais da Escola SESC, ou seja, tanto na sala de aula quanto na oficina. A escolha das temáticas e autores a serem discutidos no ciclo de palestras do projeto cultural aconteceu em função do tema gerador da 4ª edição da olimpíada latinoamericana. A concepção do projeto cultural foi elaborada visando determinar a escolha dos nomes dos filósofos, iniciando uma discussão que oferecesse subsídios teóricos para compreensão da crise de valores que se instalou no desenvolvimento histórico das teorias de razão na transição da Modernidade para a Contemporaneidade. Assim, a lista dos pensadores começou com Kant, depois Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger e Habermas. Dada a especificidade do ensino de Filosofia na Escola SESC, o Laboratório foi uma saída ante a dificuldade institucional que não ofertava tempos suficientes para garantir carga horária adequada para a Filosofia. A parceria com a Gerência de Cultura do SESC, transformou Laboratório conferindo um sentido que ultrapassou a função pedagógica, o que resultou no produto cultural. As palestras do ciclo do Laboratório Filosófico davam suporte à preparação temática da olimpíada, juntamente com a oficina, foram gravadas em DVDs sendo alocadas em elegantes caixinhas de lata, com a logo do Laboratório Filosófico e foram distribuídas em unidades do SESC.

Sem a infraestrutura da Escola SESC e a competência da equipe da Gerência de Cultura para administrar este projeto em sentido cultural, ele não teria acontecido. Do mesmo modo, sem o Laboratório Filosófico não teria sido possível preparar os alunos para a olimpíadas filosóficas, não teria sido possível a dimensão cultural deste projeto, e não haveria suporte humano da Escola SESC para auxiliar na organização da 1ª olimpíada filosófica do Estado do Rio.

Quando a Gerência de Cultura solicitou a escritura do projeto, havia clareza que o êxito do projeto do Laboratório dependia de certa operacionalização do mesmo. Ele

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

não poderia ser justificado institucionalmente apenas em função de sua estruturação acadêmica. Esse sempre foi o real motivo para criar um espaço filosófico na Escola SESC.

O aparecimento da Filosofia depende de condições favoráveis para sua implementação enquanto cultura relacionada à liberdade de pensamento. Sem isto, a Filosofia fica alheia de sua função para a vida humana. No projeto Laboratório Filosófico, contou-se com os apoios da Coordenação de Humanidades, e das Gerências Pedagógicas e de Cultura. Quando o projeto foi elaborado, no texto de apresentação da equipe de Filosofia foi colocado o nome “Laboratório Filosófico – Diálogos Imaginados” e a Gerência de Cultura também preparou um texto de apresentação cujo título para o projeto ficou “Laboratório Filosófico – Experiências Compartilhadas”. Estes dois títulos para o mesmo projeto mostram como a parceria foi bem-sucedida por causa da convergência de ações. O fato das palestras do Laboratório Filosófico terem sido transformadas em DVD e distribuídas para outras escolas, denota a possibilidade de um caminho, na iniciativa privada, para novas experiências. O incentivo em um projeto híbrido, que é educativo e cultural, enseja outras iniciativas e possibilidades para a Filosofia e seu ensino. Junto com os DVDs, seguem as indagações feitas pelos alunos do projeto aos acadêmicos e que foram trabalhadas nos encontros semanais da oficina.

### **Prática cotidiana do Laboratório Filosófico**

A experiência do Laboratório Filosófico da Escola Sesc de Ensino Médio sempre esteve associada à Olimpíada de Filosofia. Com o passar dos anos o projeto consolidou algumas práticas que, mesmo influenciadas pelas experiências das olimpíadas, passaram a compor o ensino de filosofia em seu todo, mesmo entre aqueles estudantes que não participaram da olimpíada ou mesmo do laboratório filosófico.

O Laboratório Filosófico apresenta-se aos alunos como um espaço para o exercício do filosofar. Constitui-se como ambiente para a liberdade de pensamento e se caracteriza pelo acolhimento do diverso. Talvez se pense com certa razão que para isso não seria necessário um espaço dedicado à filosofia, pois afinal, todo campo de conhecimento precisa trabalhar com a liberdade de pensar e estar aberto às novas ideias. Porém, é na filosofia que esse esforço se radicaliza e se torna capaz de apontar seus próprios pressupostos e ver com curiosidade coisas que em geral se tomam como

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

óbvias. É nesse desaparecimento do óbvio que a liberdade de pensamento se torna radical. Mas construir esse espaço com alunos do ensino médio não é tarefa simples. Por um lado, o exercício do livre pensar requer prática e tempo para amadurecer. Por outro, o laboratório filosófico sempre experimenta a transição de seus participantes, conforme os alunos se formam, outros que se interessam em participar dão continuidade ao grupo. Por isso, algumas dificuldades se perpetuam, exigindo atenção permanente.

Destaca-se como primeira dificuldade o desafio de ultrapassar o nível da simples opinião. Apesar desta ser um elemento fundamental do processo sem o qual o exercício do livre pensar não se realiza, entende-se que o aluno percorrerá outros passos para o aprofundamento do pensamento. Espera-se que os estudantes identifiquem conceitos e teses, que sejam capazes de questioná-las criticamente, e que busquem a fundamentação racional de suas próprias ideias. Raramente um estudante chega ao laboratório filosófico de posse desse entendimento, sendo capaz de segui-lo de forma plena. O mais comum é sentir dificuldade sobre a forma de como proceder.

Outra dificuldade comum é a indisponibilidade para aceitar questões sobre valores muito enraizados. O exercício filosófico é desafiado a ocupar-se com a possibilidade de ideias e valores subjetivos estarem equivocados. E tratando-se de jovens, a diversidade e o conflito de perspectivas aparece com muita frequência. Esse movimento reflexivo proposto pela filosofia os expõe de forma muito dura, e nem sempre os estudantes secundaristas se abrem a essa exposição. Em alguns casos, possuem posições antagônicas e geram relacionamentos tensos. O levantamento de um tema e seu questionamento, pode ser do interesse de alguns, ao mesmo tempo em que se revela como tabu para outros. Mas o laboratório filosófico apresenta-se sempre como espaço onde as ideias precisam ser tratadas com seriedade e os indivíduos com respeito. A manifestação de uma ideia precisa ser acolhida e tratada racionalmente. Seus pressupostos e fundamentos precisam ser expostos e avaliados, sem nenhuma forma de ataque pessoal.

Uma terceira dificuldade muito comum está se relaciona à construção da prática do diálogo. Nesse ponto existe a preocupação de que os encontros se tornem uma arena de disputas pessoais, desviando-se das propostas. Esse é um ponto complexo, pois as imagens que muitos carregam em si sobre os debates é de uma luta de uns contra os outros; não de uma luta de todos contra um problema. O professor responsável fica atento para que vaidades ou dogmatizações não atrapalhem o percurso das conversas. A

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

situação exige abertura aos outros. O conflito de ideias não tem o propósito de vitória individual, mas de solução de uma questão. O desenvolvimento da escuta se torna um elemento fundamental na dinâmica do diálogo.

As práticas do laboratório filosófico priorizam a realização de pesquisas, podendo assumir formas de trabalho diferentes. Entretanto, é comum a discussão ampla e livre antes de se organizar o trabalho de pesquisa. Como estratégia geral, inicia-se com um período de conversas a partir da questão proposta pela Olimpíada de Filosofia, e dessa conversa surgem outros tópicos, tratados superficialmente no início; a partir deles é que se organiza as pesquisas. Os estudantes trabalham em duplas seguindo um calendário. Ao final, apresentam os resultados de suas pesquisas seguida de plenária, onde o diálogo sobre aquele tópico acontece. Nesse período de pesquisa, determina-se o tempo semanal para o encontro como espaço para que trabalhem juntos na pesquisa. Eles se encontram no mesmo espaço e horário, sem que o professor force alguma prática, ou se sintam obrigados a “dar uma aula”. Tal período dedicado à pesquisa pode durar entre duas e três semanas.

Essa prática tem diversas vantagens. Os alunos pesquisadores desenvolvem seus próprios modos de organização, tendo por perto um professor que os acompanha, que se interessa pelos seus trabalhos, aponta possibilidades novas ou alerta sobre desvios e erros. A orientação do professor pode variar bastante, considerando a condução do tema, a escolha das fontes, o modo como estão se organizando etc. Os estudantes também se empenham em fazer boa apresentação aos colegas. A plenária se torna, então, um espaço de grande liberdade de pensamento. As trocas de perguntas e respostas entre os alunos têm poucas interrupções; o grupo se constitui como fonte de informação e gerador de reflexões.

De 2015 a 2019 inaugurou-se a prática pós-olímpica. A experiência da Olimpíada Estadual de Filosofia 2015, que ocorreu no Colégio Militar, no dia 10 de outubro, reverberou na Escola Sesc de Ensino Médio, ganhando destaque por meio da experiência das oficinas para estudantes do primeiro ano do ensino médio. Elas surgiram das conversas entre professores e estudantes. Os alunos tiveram três semanas para organizar suas oficinas. Mais uma vez, o papel do professor foi o de acompanhar sem fazer muitas intervenções. As cobranças eram apenas no sentido de manter o foco da discussão filosófica do interesse dos estudantes. Os participantes do laboratório, agora investidos da função de oficinairos, propuseram discussões que envolviam

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

identidade pessoal, o estabelecimento de normas morais e o sentido da justiça. As oficinas ocorreram em novembro.

Algumas discussões tiveram filósofos como referência. A oficina “Trabalho: construção de relações” fundamenta-se na perspectiva marxista das relações humanas. A oficina “O martelo da justiça nas suas mãos” baseou-se no conceito de “véu da ignorância” de John Rawls. A oficina “Construção de julgamentos” tinha influência de Immanuel Kant e de seu imperativo categórico. Mas outras oficinas funcionaram com discussões mais livres propostas pelos estudantes. Nesses casos a experiência das dinâmicas propunham manifestações de opiniões postas na roda do diálogo, ou ainda se transformavam em algum produto imagético, como cartazes e fotografias. Para dar um exemplo dessas discussões, a oficina “Apocalipse Zumbi” propôs aos participantes uma reflexão sobre como o contexto da vida influencia nossas identidades. Para isso, organizou-se um pequeno jogo de RPG (Role Playing Game) onde as identidades dos personagens perdiam o sentido devido ao apocalipse zumbi.

Essas práticas do laboratório filosófico se enquadram na prática pedagógica da escola. A Escola Sesc de Ensino Médio desde 2017 assume ensino híbrido e metodologias ativas. Estas colocam os estudantes como protagonistas de seus aprendizados; as práticas docentes visam personalizar a aprendizagem e os professores atuam como mediadores. Entretanto, para além disso, sempre houve uma visão filosófica sobre tal situação a partir da educação para a autonomia do estudante. A autonomia não é dada. É necessário seja adquirida enquanto emancipação. No caso dos discursos sobre o ensino híbrido e das metodologias ativas, a autonomia do aluno é pensada restrita às suas ações de estudo, o que é insuficiente, não alcançando o propósito de uma inteligência que lida de forma crítica com o conhecimento e as relações humanas.

Kant<sup>4</sup> tratou da autonomia como marca da maioridade intelectual que se deve conquistar como movimento coletivo. A possibilidade dessa conquista acontecer por um indivíduo isoladamente é vista como improvável. Na sua raiz está a necessidade de se superar a dependência dos tutores intelectuais. Rancière<sup>5</sup>, de maneira próxima, abordou

---

<sup>4</sup> KANT, Immanuel, Resposta à pergunta: o que é o iluminismo, in *A paz perpétua e outros opúsculos*, Lisboa, Edições 70, 1990

<sup>5</sup> “Chamar-se-á emancipação à diferença conhecida entre duas relações, o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade” (RANCIÈRE, 2015, p. 32).

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

a emancipação intelectual enquanto relação entre seres humanos, onde as autoridades intelectuais (professores, escritores, filósofos, líderes religiosos, etc.) podem por um lado, assumir uma posição hierárquica superior e determinam os caminhos para as inteligências inferiores; por outro, assumir a igualdade das inteligências e libertar os alunos das relações sociais que os coloca como subalternos, e assim, começar o movimento de manter a vontade do aluno focada e sua inteligência trabalhando. No segundo caso a emancipação começa sua marcha, e começa porque as relações sociais deixam de impedir os movimentos livres da intelectualidade dos alunos. O laboratório filosófico visa permitir essa marcha.

### **Ressonâncias do Laboratório Filosófico na estruturação do currículo comum**

Como mencionado, o contato da Escola Sesc de Ensino Médio com o movimento das olimpíadas filosóficas se deu em 2012, quando de sua participação na 3ª Olimpíada Latino-americana realizada na cidade de Petrópolis, RJ. O mais encantador para estudantes e educadores foi a descoberta de uma nova forma de fazer experiência filosófica a partir de um problema determinado, resolvido de maneira solidária, superando os modelos de competição individual característico de olimpíadas de outras áreas do conhecimento.

Qual o custo social do progresso? Foi o problema daquele ano. Era uma pergunta aparentemente simples, mas que reverberou no ano seguinte, com a criação da primeira edição no estado do Rio e, as subseqüentes edições (nove), todas elas estruturadas a partir de uma questão de fundo. Como estudantes e professores participaram de todas as experiências até então realizadas, suas repercussões se fizeram presentes na prática docente, sobretudo no modo de estruturar o que deve ser ensinado no currículo comum.

É verdade que a organização do currículo já em 2012 antecipava de alguma maneira a forma metodológica das olimpíadas filosóficas. Porém, o contato com as mesmas impactou e aprofundou ainda mais a elaboração de um programa de ensino a partir de problemas. Para exemplificar, a apresentação dos conteúdos no 3º ano do Ensino Médio em 2012 se estruturava com perguntas de abertura. “O que é filosofia contemporânea e como se deve entendê-la?” Abria o primeiro trimestre. Os temas tratados foram: a crítica às teorias representacionistas modernas; a função da

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

lógica fregeana como representação racional da realidade, conceito de sentido; Bertrand Russell e o atomismo lógico: variação do platonismo lógico; Edmund Husserl e o método fenomenológico; crise das ciências e o conceito de Mundo-da-Vida.

O segundo trimestre propôs duas perguntas, sendo a primeira “Como estudar Filosofia a partir do projeto de destruição da metafísica?” Os assuntos e autores tratados foram Martin Heidegger e a analítica do Ser-Aí; ontologia fundamental como radicalização do projeto da crítica da Razão pura. A segunda pergunta foi “para que serve a Filosofia após o reducionismo linguístico?” Os temas/autores tratados foram Ludwig Wittgenstein e a teoria pictórica do significado; atitude filosófica enquanto terapia da linguagem e a teoria pragmática do significado; Jean-Paul Sartre e a inversão ontológica - a existência precede a essência.

O terceiro trimestre respondeu à pergunta “Como ser crítico em relação aos temas da sociedade contemporânea sem perder a crença na Modernidade?” Os temas/autores tratados eram Theodor Adorno (razão instrumental e indústria cultural, dialética negativa); Max Horkheimer (dialética do Esclarecimento); Walter Benjamin (arte e história); Jürgen Habermas e a ética do discurso em consonância com a razão comunicativa enquanto transformação do argumento ético de Kant em uma pragmática universal. Como se nota, as perguntas geradoras tinham um corte fortemente acadêmico.

Desde 2012, a metodologia dos encontros semanais do laboratório era a mesma aprendida das olimpíadas filosóficas, não só na discussão do tema proposto a cada ano, mas também no tratamento de outros assuntos. Em 2019, nos dois outros trimestres por exemplo, discutiu-se os seguintes assuntos: o que é amor; o que é a realidade; como se caracteriza a condição humana; qual é o sentido da vida; é possível provar a existência de Deus; o que se entende por felicidade; qual é o sentido da morte, o que é a verdade, o que são os fenômenos do ateísmo, teísmo e agnosticismo; existe uma ética do trabalho; pode-se falar de direitos dos animais; como se relacionam ética e inteligência artificial. Ou seja, no laboratório formou-se se uma comunidade de aprendizagem solidária que sempre discutia assuntos decorrentes das inquietações juvenis e de suas preocupações intelectuais. Influenciada pelas olimpíadas, as perguntas foram ganhando um sentido cada vez mais pedagógico no sentido de abrir explicitamente o diálogo filosófico com as questões existenciais dos estudantes, com outras disciplinas do currículo e ainda com

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

saberes de várias fontes, lugares e tradições. E essa metodologia afetou o modo de apresentação do programa de ensino, aprofundando a perspectiva vislumbrada em 2012.

Aos poucos o programa foi se estruturando a partir da formulação de problemas mais abertos, influenciado pela experiência do Laboratório Filosófico. Esta guinada marcou substancial e positivamente a motivação e envolvimento dos estudantes nas aulas de Filosofia. Gradualmente, descobriu-se que conteúdo é forma e que forma também é conteúdo. Para indicar o referido impacto metodológico, veja como o currículo do primeiro ano do Ensino Médio se estrutura neste momento, em 2021: qual é a origem e fundamento de todas as coisas (mitologias e pré-socráticos)?; existe filosofia fora da Grécia (elementos da Filosofia Africana)?; os valores éticos são relativos ou universais (Sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles)?; o que é a realidade (Parmênides, Heráclito, Platão e Aristóteles)?; é possível que ética e política caminhem juntas (Platão, Aristóteles e Maquiavel)?; como ser feliz em tempos de crise (Escolas Helenistas)?; como fé religiosa e razão filosófica se relacionam (Filosofia Medieval e Modernidade)?; qual é a origem do mistério do mal (Agostinho)?; o que é o tempo e como ele se relaciona com o movimento (Aristóteles, Santo Agostinho)?; é possível provar metafisicamente a existência de Deus (Tomás de Aquino)?; como se justifica racionalmente a existência do estado (Aristóteles, Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, John Rawls, Peter Singer) ?.

Vale ressaltar que desde 2008, ao final de cada trimestre, antes do Conselho de Classe, os representantes de turma, em assembleia, avaliavam o ensino e a aprendizagem de todas as disciplinas do currículo, apontando seus avanços, dificuldades e sugestões para aperfeiçoar o ensino. Em Filosofia, os estudantes sempre manifestaram certo descontentamento com a metodologia expositiva ou descontextualizada das aulas, e sempre sugeriam a ampliação dos debates em grupo – tribunal da razão, e de aulas mais dinâmicas. As olimpíadas trouxeram um novo olhar para a estruturação do currículo ajudando a compreender e dialogar com as inquietações dos estudantes. Os encontros atuais, intitulados EPA (Encontros de Alunos e Professores), realizados por área de conhecimento, vem confirmando, em Filosofia, que a nova forma de discutir os saberes filosóficos desde a formulação de problemas, é um caminho promissor do ponto de vista da aprendizagem filosófica.

Além de serem problemas-geradores, as perguntas propostas transbordam o campo propriamente filosófico. A primeira pergunta – qual é a origem e fundamento de

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

todas as coisas - apresentada anteriormente levantou discussões que passaram pela crítica da perspectiva eurocêntrica do ensino médio e se abriu ao diálogo com Sociologia, ao discutir natureza e cultura, e História, ao discutir os conceitos de tempo e espaço nas civilizações antigas. Também dialogamos com a Física ao discutir a concepção de cosmos dos gregos antigos até a origem do universo em conformidade com a teoria do Big-Bang e Teorias de Tudo. Com Química, estudamos os filósofos da Natureza que estiveram presentes em suas origens. Outro tema importante foi o da relação entre ética e política, que problematizou a micro e macrocorrupção presente da cultura brasileira. O problema da articulação entre fé e religião inclui a discussão atual de outras cosmovisões aquém e além das clássicas tradições religiosas, tocando, inclusive nas raízes confessionais velhas e novas do estado brasileiro.

Ou seja, a prática docente não passou intocada pela experiência das olimpíadas. As perguntas inicialmente puramente acadêmicas foram se ampliando e incorporando uma perspectiva pedagógica que dialogava com as questões subjetivas apresentadas pelos estudantes e, também, pelo contexto sociocultural e político. A experiência da olimpíada marca e aponta para uma nova metodologia de ensino e de aprendizagem filosófica. O ensino de filosofia centrado exclusivamente no processo de transmissão de conhecimentos está fadado ao fracasso. Não porque esta forma de ensinar não tenha algum lugar na prática docente, mas porque os estudantes que experimentaram uma nova forma de aprender não se contentam mais em repetir o que já foi pensado.

Passaram de receptores passivos a sujeitos construtores e reconstrutores de conhecimento a partir da autocompreensão de estudante pesquisador. A aula magistral e expositiva ainda ocupa seu lugar e não pode ser dispensada sem mais, mas mudou de lugar. Ocupa agora uma função preliminar da apresentação de um problema ou conclusiva, de síntese de um processo de ensino. Tudo o mais é compartilhamento dialógico de pesquisas, leituras e saberes.

É bem esse o espírito de uma filosofia latino-americana que assume para si a formação filosófica para o exercício da cidadania emancipatória, que assegura a autonomia do sujeito histórico e, ao mesmo tempo, garante o desenvolvimento humano integral. E nesse sentido, esse movimento está em sintonia com o que se passa na nova

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

escola, como sugerido por Pedro Demo<sup>6</sup>. Não basta mais o tradicional processo didático centrado no ensino e na aprendizagem, tendo o professor como sujeito ativo e aluno como sujeito passivo.<sup>7</sup>

A mediação proposta por ele passa necessariamente pelo processo da pesquisa. Isto não significa a negação do processo de transmissão do conhecimento levado adiante pela escola até então, mas sua motivação tem um novo lócus, o da construção do conhecimento. A “escola e a universidade são insubstituíveis como lugares privilegiados da construção do conhecimento, mas serão ultrapassadas naturalmente pela instrumentalização eletrônica como instâncias de transmissão e socialização”.<sup>8</sup> Somente a pesquisa coloca o educando como protagonista, com ajuda do educador, pelo seu processo de busca, reprodução e produção de conhecimentos.

Para Demo, a pesquisa caracteriza-se por um movimento de teorização, de intervenção para gerar inovação. O conhecimento inovador não se obtém pela cópia, mas pela pesquisa como atitude cotidiana. Nesse sentido, o ponto de partida é a prática que o educando traz, o que permite a ele testar as teorias e ser por elas questionado.

O primeiro passo da pesquisa é começar pelo começo, pelo background sociocultural do estudante, com o objetivo específico de fazer dele sujeito do conhecimento. O segundo é a “teorização das práticas”, o que induz a unir dialeticamente teoria e prática.

O signo central da pesquisa é o “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente da realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.<sup>9</sup> No cotidiano, pesquisa significa a capacidade de andar de olhos abertos, ler criticamente a realidade, reconstruir as condições de participação histórica e informar-se adequadamente. E essa tem sido a experiência propagada pela metodologia experimentada pelo movimento das olimpíadas.

## **Considerações finais**

---

<sup>6</sup> DEMO, Pedro. “Pesquisa e construção de conhecimento; metodologia científica no caminho de Habermas”. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

<sup>7</sup> Ibid., p. 13.

<sup>8</sup> Ibid., p. 15.

<sup>9</sup> Ibid., p. 34

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

A experiência que vem sendo desenvolvida na Escola Sesc desde 2012, no Laboratório Filosófico e no Currículo Comum, tem sido um exercício inspirado na olimpíada de Filosofia em perspectiva latinoamericana que, a partir de um problema<sup>10</sup>, formulado em forma de pergunta, provoca os estudantes a proporem uma resposta livre e imediata. Depois, ter contato com textos e autores. Em seguida, perceber os questionamentos que a teoria faz à prática do estudante e, ao mesmo tempo, levantar perguntas que a prática faz aos filósofos e seu tempo. E superando os instrumentos tradicionais de avaliação, os estudantes são provocados a registrar o percurso feito por meio de várias linguagens, incluindo a autoavaliação, a heteroavaliação e avaliação formativa.

O sentido mais importante, enquanto relato de experiência didática, neste texto, aponta para a possibilidade de tematização filosófica em função da partilha de experiências. A mudança no tratamento dos conteúdos filosóficos, retirando o enfoque dos gabinetes universitários para uma filosofia ao ar livre, que permite a livre forma de pensamento, significou para os alunos da Escola SESC a possibilidade de vivenciar os conceitos, referenciais e discussões filosóficas. O aspecto qualitativo foi muito importante para a consolidação do trabalho didático desenvolvido tanto no projeto quanto na oficina. Tal modelo qualitativo das olimpíadas filosóficas, que prioriza as vivências, cativou os estudantes participantes do Laboratório na Escola SESC. O Laboratório Filosófico foi um *modus operandi* para este tipo de experiência, que a olimpíada filosófica propunha. Para a Escola SESC foi um marco ter sido sede da primeira olimpíada do Rio de Janeiro. Para o trabalho filosófico desenvolvido no Laboratório, o ensino de Filosofia deve comportar o pensamento crítico, mas que este não é adequadamente atingido sem vivência por parte do sujeito pensante. A possibilidade deste modelo dependeu de condições institucionais favoráveis na Escola SESC, onde houve incentivo para o desenvolvimento do trabalho filosófico dos professores. A Filosofia precisa de liberdade como ambiente favorável ao desenvolvimento de suas perspectivas. Em algum momento, a Escola SESC não só entendia como incentivava o compromisso educativo relacionado ao ensino filosófico.

---

<sup>10</sup> A diferença entre a experiência da olimpíada internacional, surgida na Bulgária, e a latino-americana é significativa. Os estudantes ressaltaram o caráter solidário, alegre e não competitivo desta última, em oposição ao isolamento dos alunos quando da produção do texto dissertativo e seu caráter competitivo.

SENRA, A. V. D.; INÁCIO, D. V.; XAVIER, M. G.

*Relato de Experiência sobre a criação do Laboratório Filosófico na Escola SESC: o caso de uma estratégia didática de preparação para as Olimpíadas Filosóficas e suas repercussões curriculares*

Este texto é uma forma de tornar essa experiência do Laboratório Filosófico registrada e compartilhada, para que ela não seja esquecida.

### **Referências bibliográficas**

Bruce, M., Barbone, S. (orgs.) *Os 100 Argumentos mais Importantes da Filosofia Ocidental*. Trad. Bras. Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Cultrix, 2013.

Cerletti, A. *O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico*. Trad. Bras. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Cossutta, F., Cicurel, F. (orgs.) *As Fórmulas Filosóficas: destacamento, circulação e apropriação*. Trad. Bras. Sírio Possenti, Campinas: Ed. Unicamp; Brasília: Ed. UnB, 2018.

Demo, Pedro. *Pesquisa e construção de conhecimento; metodologia científica no caminho de Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Kant, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é o iluminismo. In *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1990

Mora, J. F. *Diccionario de Filosofía*. 4 volumes. Madrid: Ariel, 2000.

Nicola, U. *Antologia Ilustrada de Filosofia*. Trad. Bras. Maria Margherita De Luca, São Paulo: Globo, 2006.

Rancière, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.